



- 6 folhas -

DOC 848 A

DISCOTECA PÚBLICA MUNICIPAL - SALA LUCIANO GALLET
Av. Brig. Luís Antônio, 278 - 6º and.

67º Concerto de Discos - 19 de novembro de 1953 - às 21 horas

oOo

1ª PARTE

I - GABRIEL FAURÉ;

Sonata em La Maior op.13 nº1, para violino e piano

1º disco - 1ª e 2ª faces : Allegro molto

2º " - " " " " : Andante

3º " - 1ª face : Allegro

2ª " : Allegro quasi presto

M. Elman (violino), L. Mittmann (piano)

oOo

II- HENRI DUPARC:

a) La vie Antérieure
Uma face

b) L'Invitation au Voyage
Uma face

Charles Panzéra (baritono), Magdeleine Panzéra (piano)

c) Phidylé
Uma face

Charles Panzéra (baritono) com Orquestra regida por Piero Coppola

oOo

Intervalo de 5 minutos

oOo

2ª PARTE

VINCENT D'INDY;

Istar, op.42

Três faces

Orquestra de Concêrtos do Conservatório de Paris, regida por Piero Coppola

oOo

ENTRADA FRANCA

oOo



67º Concerto de Discos

1a. Parte

GABRIEL FAURÉ :

Três grandes compositores francêses estão representados em nosso concêrto de hoje: Gabriel Fauré, Duparc e D'Indy.

Gabriel Fauré nascido em 1845 e falecido em 1924, é um exemplo de tenacidade. Dotado de um senso musical notável, em menino já improvisava ao harmonio. Niedermeyer, fundador da célebre escola parisiense de música que recebeu seu nome, realizando concêrtos pelo interior da França, teve, certa vez, ocasião de ouvir o menino Fauré e, encantado com a sua aptidão musical, levou-o para Paris, onde cuidou de sua educação. Na Escola Niedermeyer, à que a moderna música ^{francesa} muito deve, Fauré foi aluno de Saint-Saens, que influiu poderosamente na sua formação artística e mesmo moral. Um dos primeiros sonhos de Fauré era ser organista da Igreja da Madalena, em Paris. Êsse sonho se realizou em circunstâncias curiosas: Fauré, que assumira o lugar de organista na catedral da cidade de Rennes, um belo dia foi despedido pelo cura, por haver fumado na porta da Igreja durante um sermão, falta agravada pelo fato dêle ter passado uma noite inteira num baile, e comparecido à missa com a mesma roupa e gravata com que acabara de sair da dança, o que escandalizou o sacerdote. Êstes fatos fatos desagradaveis concorreram para que Fauré deixasse Rennes e se dirigisse a Paris, onde ocupou varios cargos de organista em diversas Igrejas, até que em 1896 se realizou o que almejava: tornou-se organista da Madalena. Sendo de uma honestidade artística admiravel, preferiu romper com sua nôiva, porquê sua futura sogra queria que êle compuzesse peças para teâtro, o que era contrário às suas tendências. Já D'Indy dissera que o maior apanágio de um artista é a liberdade e Fauré confirmou com sua vida e obra a afirmação daquele músico illustre. Sua atuação como professor não precisa ser comentada. Basta lembrar, entre os nomes illustres da música moderna, os dos seus discipulos: Maurice Ravel, Florent Schmitt, Louis Aubert, Carlos Koechlin, etc... Fauré é um dos preparadores da música atual. A razão do aspêcto sempre novo e singular de sua arte, se prende à sua formação inicial, fortemente impregnada da música gregoriana, isto é, da música oficial

da Igreja católica, Fauré se aproveitou dos elementos técnicos do Gregoriano, e com eles compôs peças em estilo extremamente livre, de uma clareza de expressão e de uma simplicidade maravilhosa. Pela pureza e limpidez do seu pensamento musical, já o compararam mesmo a Mozart. Como a de Mozart, a música de Fauré tem "graça, sutileza, encanto, força e virilidade". Fauré compôs música sinfônica e peças para piano, mas o lado mais importante de sua bagagem musical é constituída pelas suas canções e principalmente pela música de câmara.

A "Sonata em La Maior, op. 13 nº1", para violino e piano, foi escrita por Fauré em 1876 e executada públicamente pela 1ª vez em 1878. Apesar de ser o primeiro ensaio do autor na música de câmara, essa sonata, pela sua construção, pela sua beleza e pela sua originalidade, é considerada uma obra de mestre e o primeiro marco importante na carreira musical de Fauré.

A energia mesclada de tranqüilidade e ternura do 1º movimento; a graciosidade baloiçante e suavemente melancólica do Andante; a leveza do 3º movimento, um scherzo que cintila em passagens rápidas e saltitantes "pizzicati"; o calor apaixonado do último movimento, por vezes "declamatório e quase violento, lembrando uma improvisação cigana", - mostrarão ao ouvinte que, como bem acentuara o compositor francês Florent Schmitt, esta sonata de Fauré "marca um dia de festa na história da música de câmara".

(Cobbett's cyclopedic Survey of Chamber Music)

Henri Duparc, nascido em 1848 e falecido em 1933, foi aluno de César Franck. Duparc muito tarde começou a se dedicar à música, que abandonou logo, em consequência de uma inibição proveniente de neurastenia. Pouco produziu, mas seu lugar na música francesa é brilhantemente marcado pelas admiráveis canções que compôs, das quais as 3 apresentadas pelo nosso programa são as mais famosas: "La vie Antérieure"; versos de Baudelaire, "L'Invitation au voyage", "Phydilé" poesia de Léconte de Lisle. Em "La vie Antérieure" a melodia, sustentada a princípio por duas notas que se repetem com insistência, se desenvolve grave, triste e evocadora, impregnada de rara beleza. Aos poucos volta a calma inicial e com ela as duas notas sombrias, que parecem exprimir algum sentimento íntimo. Em "L'Invitation au voyage" a parte desenvolvida pelo piano é tão sutil e tão bem trabalhada, que imprime à canção um ar de conversa familiar. Já em "Phydilé" a orquestra possui um colorido e força expressiva discretas e equilibradas, mas intensas e comoventes.

- 2a. Parte -

VINCENT D'INDY, nascido em 1851 e falecido em 1931 foi ^{aluno} do grande César Franck, compositor de origem belga que representou um papel importante na renovação da música francesa contemporânea. D'Indy revela nas suas obras a influência de Wagner e a de seu mestre, cuja causa artística serviu com um amor e uma dedicação admiráveis, tornando-se, depois da morte de César Franck, uma espécie de seu testamento artístico. Assim é que ele, admirável professor, fundou a Schola Cantorum de Paris, destinada especialmente a reviver e cultivar a música religiosa.

Essas influências, entretanto, não tiram o caráter pessoal de sua música, à qual preside um grande amor da unidade estrutural, do equilíbrio da construção sonora, acompanhado da religiosidade espiritual, que ele tinha em comum com César Franck. D'Indy era, além do mais, um ser que acreditava fervorosamente no destino superior da arte, que só a consciência dos seus deveres morais e sociais tornam um artista verdadeiramente grande. Em consequência, a música assumiu para ele quasi o aspecto de um apostolado.

A produção mais importante de D'Indy é toda para orquestra, e aqui ele demonstra ser possuidor de uma técnica perfeita e de uma expressão original extremamente rica em efeitos instrumentais, como o demonstra a peça "Istar", variações sinfônicas, que vamos ouvir.
